



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

PPPG licenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

Retorno das aulas presenciais e novos desafios do processo de ensino-aprendizagem na educação básica: uma análise a partir do contexto das aulas de Geografia num colégio da rede estadual em Feira de Santana/Ba

Carolina Dias da Cruz¹; Célia Regina Batista dos Santos²;

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: cdcruz455@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: celiaregina@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Continuum Curricular; Distanciamento Social; Democratização Digital; Ensino-aprendizagem

1. INTRODUÇÃO

No contexto da Bahia, para o retorno das aulas de forma remota, a Secretaria de Educação do Estado elaborou um conjunto de diretrizes para amenizar os impactos pedagógicos da suspensão das aulas, decorrentes do distanciamento social, na vida escolar dos alunos. E uma das propostas para o ensino remoto foi o *Continuum Curricular*¹, proposta que tinha por finalidade proporcionar ações para que os alunos recuperassem o prejuízo do tempo em que as aulas foram suspensas. Assim, durante as aulas remotas, os estudantes teriam, em tese, a oportunidade de recuperar os conteúdos do ano letivo perdido e, ao mesmo tempo, estudar os conteúdos do ano letivo em curso, (ou seja, duas séries/anos letivos em apenas um). De forma progressiva, as escolas foram retomando as aulas presenciais e os professores se viram com um outro desafio: a constante tarefa de relembrar assuntos, tendo em vista que os alunos não conseguiram aprender ou que sequer tiveram acesso a determinados conteúdos essenciais, nesse processo de ser promovido de um ano a outro, sem ao menos cursá-lo direito.

Foi esse o contexto que encontramos na escola campo de estágio no primeiro semestre de 2022, ao iniciar as atividades de observação e regência compartilhada em um colégio da rede estadual de educação da Bahia, localizado no município de Feira de Santana. Começamos a observar aulas de geografia, ouvir professores e perceber o quanto estava sendo difícil esta retomada, principalmente no sentido de recuperar o conteúdo atrasado sem perder o objetivo de evoluir gradativamente nos demais assuntos.

Diante dessa realidade, estabelecemos como objetivo geral de pesquisa compreender os impactos da proposta do *Continuum Curricular* para o ensino e a aprendizagem na educação básica, tendo como lócus o colégio campo de estágio. E como

¹ Tendo em vista que a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB, 9394/96) assegura que “o poder público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis”, duas ações do Ministério da Educação podem ser destacadas enquanto propostas para minimizar os prejuízos no aprendizado dos estudantes que ficaram 08 meses sem aulas (março a outubro/2020). A primeira foi a adoção de aulas remotas com uso de tecnologias, para não interromper o aprendizado dos estudantes. A segunda foi a proposta do sistema continuum curricular, previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que permitiu que habilidades e competências essenciais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) fossem priorizadas, flexibilizando os currículos das redes e garantindo um desenvolvimento contínuo das aprendizagens de 2020.

objetivos específicos: 1. identificar a opinião de professores investigados sobre a proposta de *Fluxo Continuum* deliberada pela Secretaria de Educação da Bahia; 2. avaliar até que ponto o *Fluxo Continuum* afetou o processo de aprendizagem dos alunos; 3. investigar como as lacunas nos conhecimentos dos alunos vem afetando a rotina das aulas; 4. identificar quais as estratégias utilizadas pela escola e pelas professoras para recuperação da aprendizagem, no sentido de dar prosseguimento aos assuntos do ano letivo.

2.METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada em consonância com a perspectiva metodológica do projeto “Estágio Supervisionado e Pesquisa: possibilidades de produção de conhecimento na Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA)”, que tem por objetivos principais contribuir para a aprendizagem da pesquisa na formação de futuros professores de Geografia.

O lócus de pesquisa foi uma escola pública da rede estadual de ensino na cidade de Feira de Santana, onde desenvolvemos o estágio supervisionado obrigatório, tendo como sujeitos da pesquisa a coordenadora pedagógica, professores e estudantes. Os critérios de escolha dos professores investigados foram pertencer a diferentes áreas de conhecimento e querer participar da pesquisa. Diante disso, participaram 03 professores da área de humanas (Geografia), 02 da área de exatas (Matemática) e 02 da área de linguagens (Português). Infelizmente, não conseguimos ninguém da área de biológicas para realizar a entrevista. Em relação aos estudantes, orientadas pela coordenação pedagógica da escola, passamos nas salas de aula explicando o intuito da pesquisa e convidando dois alunos de cada turma; geralmente eram o líder e o vice-líder que aceitavam responder ao questionário. Ao todo participaram 25 estudantes do 7º fundamental ao 3º ano do ensino médio, dos turnos matutino e vespertino, com idades que variaram entre 12 e 19 anos.

Os instrumentos de coleta de dados foram questionários através da plataforma Google Forms, composto por questões fechadas, semiabertas e abertas (para os estudantes) e um roteiro de entrevista (para as professoras e a coordenadora pedagógica). Após a coleta de dados, as informações foram organizadas e interpretadas à luz do referencial teórico.

3.RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

3.1 Até que ponto o ensino remoto e a proposta do *Fluxo Continuum* afetaram o processo de aprendizagem dos alunos

No primeiro bloco de perguntas, buscamos informações sobre o contexto social e tecnológico, com o objetivo de entender um pouco essa realidade deles. Inicialmente, suas respostas indicaram que muitos tinham a casa cheia de pessoas e sem um espaço ideal para estudar. Além da quantidade de pessoas, eles relataram que o fato de não terem um espaço adequado para estudar era alguns dos motivos deles não conseguirem se concentrar: alguns tinham que estudar na cozinha enquanto a mãe fazia o almoço; na sala ou quarto, mas sempre dividia com alguém. A falta de entendimento dos pais sobre os horários de estudo também foi um problema destacado pelos estudantes.

Outra pergunta realizada foi em relação ao acesso à internet; e se eles tinham celular próprio, computador ou notebook para o desenvolvimento das aulas remotas. Sobre isso, os dados apontaram que, realmente 79% dos alunos tiveram acesso ao celular próprio. Porém nós, licenciandos, também tivemos essa experiência de estudos pelo celular e podemos afirmar que foi muito ruim, pois o celular reduz muito a nossa capacidade de concentração.

Quando questionados se tiveram acesso à internet durante as aulas remotas, 100% dos estudantes responderam que sim. Porém, quando questionados se a internet era boa 48% dos estudantes responderam que sim e 52 % responderam que às vezes. E esses resultados somam um percentual significativo, pois ter acesso a internet não significa ter acesso de qualidade, e se a única maneira das aulas serem ministradas era por meio digital significava não participar, efetivamente, dos processos de ensino-aprendizagem.

Estes dados evidenciam que a democratização da educação escolar a partir do ensino emergencial remoto, mediado pelas TICs, não se efetivou, ao menos não totalmente, como se esperava. Isto porque tratou-se apenas do acesso à internet. Não foi colocado em evidência a qualidade dessa internet e nem a quantidade de aparelhos celulares com acesso à internet, por família. Diante disso, os dados corroboram com a ideia de que o ensino remoto e o *continuum curricular* geraram uma grande repercussão na aprendizagem ou, mais efetivamente, na falta de aprendizagem dos alunos.

Quando questionados se conseguiram aprender sozinho (a) o assunto das disciplinas, através do material disponibilizado pela escola, 56% responderam que não e 36% responderam que às vezes. Se apenas 8% responderam que conseguiram aprender com as aulas remotas, percebe-se que uma quantidade muito grande de estudantes não conseguiu assimilar os assuntos.

No tocante à pergunta *you acha que os conteúdos disponibilizados pelos professores durante a pandemia foi o suficiente para dar continuidade a série seguinte*, 84% dos estudantes avaliaram a sua aprendizagem como insatisfatória ou até mesmo que não tiveram nenhum rendimento. Tal fato pode ter relação com as dificuldades relatadas por eles relacionadas à falta de motivação; de um local adequado para estudar; à ausência de um planejamento e organização dos horários para o estudo. Esse conjunto de fatores, aliados à falta de explicação dos assuntos, gerou uma maior dificuldade de compreensão e assimilação dos conteúdos.

Para fechar este conjunto de questões, indagamos aos alunos se eles acharam que fazer duas séries em um mesmo ano foi vantagem ou desvantagem. No conjunto de respostas, 12,5% disseram que foi vantagem, justificando que adiantou a vida deles; 50% responderam que não foi vantagem, ressaltando que o fato de não terem estudado alguns conteúdos estaria prejudicando a compreensão e assimilação de outros conteúdos. 37,5% responderam que foi uma vantagem e, ao mesmo tempo, uma desvantagem, conforme expressa o depoimento a seguir: *Achei vantagem por que adiantou, mas em relação aos conteúdos ficou defasado, acredito que cada aluno tem que pesquisar além do que é passado na sala de aula para suprir essa defasagem* (Aluno B)

As respostas expressam que os estudantes têm consciência sobre a defasagem na aprendizagem deles a repercussões para a continuidade dos estudos.

3.2 O que pensam as professoras investigadas sobre o ensino remoto e o *continuum curricular*?

Ao serem indagados sobre as principais dificuldades enfrentadas na volta ao ensino presencial e como estas estão lidando com esta nova realidade, os professores responderam que mais da metade dos alunos não apresentavam aprendizagens condizentes com o ano/série em que estavam matriculados, principalmente, porque alguns destes não frequentaram o ensino remoto por uma série de dificuldades ou, mesmo frequentando, não desenvolveram as habilidades específicas para a etapa de ensino que se encontravam. E que outro agravante estava sendo a readaptação dos estudantes à rotina escolar.

Quando indagamos aos professores sobre como o *continuum curricular* foi trabalhada na escola, estes responderam que esta proposta previa que os conteúdos fossem trabalhados de forma contínua e sempre voltado às dificuldades dos alunos. Porém

ressaltaram que as turmas eram heterogêneas e as avaliações diagnósticas realizadas no retorno ao presencial evidenciou o acúmulo de defasagens de 2020 e 2021 difíceis de serem sanadas. Assim, a escola entendeu essa proposta do currículo curricular como um retrocesso educacional: [...] a SEC acreditava que os alunos não teriam prejuízo; naquele momento de pandemia se o fluxo tivesse contemplado os alunos que tinham feito interações com sua turma e com o professor e somente esses alunos então eu entenderia como benéfico, mas alcançar estudantes que não fizeram nenhuma troca de ideias aí ficou completamente desrespeitoso para todos que participaram e/ou buscaram participar do processo de aprendizagem. (Juazeiro, 2023)

Observa-se que todos os professores disseram que o continuum curricular afetou o rendimento escolar dos alunos. Mandacaru disse que, como professora, pode ver no cotidiano escolar esse prejuízo: alunos promovidos para a série seguinte que não sabem conteúdo básico, nem sabem ler. E em relação a disciplina de Geografia alguns alunos apresentam muitas lacunas nos conteúdos de modo a atrapalhar a aprendizagem dos outros. Além disso, muitos não sabem o básico como: identificar o Brasil na América do Sul, não conhecem os continentes, confundem com nomes de países; não conseguem entender mapa, gráfico; regiões do Brasil, regionalização; e não sabem nada de geopolítica.

Diante dessa defasagem no conhecimento dos conteúdos, indagamos aos professores quais estratégias de ensino estão sendo utilizadas para recuperação dos alunos em relação aos conteúdos que não aprenderam (Quadro 1).

Quadro 01: Quais as estratégias você está utilizando para recuperação da aprendizagem dos alunos?	
Mandacaru	<i>Tento seguir em frente com o conteúdo, e quando possível tiro as dúvidas na hora da aula mesmo.</i>
Juazeiro	<i>Observando a turma, fazendo atividades diagnósticas, analisando o grau de evolução da turma e a partir daí ir avançando no ritmo que a turma possa acompanhar.</i>
Aroeira	<i>Leitura de textos, vídeo aulas, jogos de perguntas e resposta, mapa conceitual, aula expositiva e filmes.</i>
Caroá	<i>Muita atividade e leitura na aula e para casa.</i>
Palma	<i>Utilizados apostilas com atividades para ser realizada na aula e tento fazer um acompanhamento individual.</i>
Bromélia	<i>Sempre proponho uma roda de conversa após a explicação do conteúdo, para ouvir cada aluno</i>
Cacto	<i>Utilizando atividades lúdicas, visto que os alunos voltaram muitos desinteressados, assim consigo chamar a atenção deles.</i>

FONTE: CRUZ, pesquisa de campo, 2023

Conforme pode ser observado, as respostas indicaram que cada um deles adota estratégias que consideram mais eficientes com cada turma, mas destacaram as atividades diagnósticas a fim de analisar os conhecimentos prévios dos alunos; o desenvolvimento de atividades lúdicas; o uso de recursos diversos; e o acompanhamento individual.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi possível conhecer um pouco sobre as experiências vivenciadas por alunos e professores. A pandemia, ao forçar a recriação da escola, através da adoção de aulas remotas e a proposta do continuum curricular, evidenciou fragilidades sociais, econômicas e pedagógicas, agravando problemas já existentes, impactando na aprendizagem dos alunos. Aos docentes foram impostos novos desafios, pois precisaram estabelecer novas rotas para dar prosseguimento ao processo de ensino-aprendizagem.

5. REFERENCIAS

BAHIA. Portaria no 711, de 10 de março de 2021. Salvador: Secretaria de Estado de Educação da Bahia, 2021.